

AS INFLUÊNCIAS SOBRE O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE FERNANDO DE AZEVEDO

Bruna Larissa Cecco¹
 Luci Teresinha Marchiori dos Santos Bernardi²
 Miguel Ângelo Silva da Costa³

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar as principais ideias e os intelectuais que influenciaram o pensamento educacional de Fernando de Azevedo, nas décadas de 20 e 30, contribuindo com a formulação do importante Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), documento único na história da educação brasileira, que evidenciava a importância em criar um sistema de organização escolar em torno de alguns objetivos comuns, como uma educação pública, laica, gratuita e obrigatória, colocando assim a função do Estado em debate. Com base na metodologia de análise de redes sociais, procuramos identificar os educadores estrangeiros que inspiraram a criação da figura política, educacional e social de Azevedo e, conseqüentemente, do Manifesto, com a luta dos 26 signatários preocupados a construir uma nova educação e um país melhor. A rede social tem como ator principal Fernando de Azevedo, e, como nós secundários Georg Kerschensteiner, John Dewey, Émile Durkheim e Johann Pestalozzi, importantes intelectuais que foram responsáveis por mudanças político-educacionais em seus países de origem. Identificamos uma estrutura caracterizada pela incorporação de conhecimentos, teorias, exercícios e práticas que foram consideradas fundamentais em um movimento mundial por uma educação pública, que garantisse direito a todos e que possibilitasse a construção de um país, de um mundo melhor, e que influenciou o cardeal Fernando de Azevedo na defesa de um Brasil com educação para todos.

Palavras-chave: Fernando de Azevedo. Análise de Redes. Manifesto dos Pioneiros. Educação Nova.

INFLUENCES ON FERNANDO DE AZEVEDO'S EDUCATIONAL THOUGHTS

Abstract

This article presents the main ideas and the intellectuals who influenced Fernando de Azevedo's educational thoughts in the 1920's and 1930's that contributed to the formulation of the important "Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova" (1932), an unique document in the history of Brazilian education, which highlights the importance of creating a school system organized according to some common goals as public, secular, free and compulsory education, exposing the role of the state in debate. Based on the methodology of social network analysis, it seeks to identify foreign educators who inspired the creation of the political, educational and social figure of Azevedo and, therefore, of the "Manifesto", written by twenty-six signatories interested in building a new educational system and a better country. The main actor of this social network is Fernando de Azevedo, and the secondary ones are Georg Kerschensteiner, John Dewey, Émile Durkheim and Johann Pestalozzi, important intellectuals who were responsible for political-educational changes in their countries of origin. A structure characterized by the incorporation of knowledge, theories, exercises and practices, considered essential to the global movement for public education in order to guarantee the right to all and to allow the construction of a country, of a better world, and that influenced cardinal Fernando de Azevedo in the defense of a Brazil with education for all is the scope of this paper.

Keywords: Fernando de Azevedo. Network analysis. "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova".

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó Professora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. E-mail: brunacecco@unochapeco.edu.br

²Doutora em Educação Científica e Tecnológica Professora pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. E-mail: lucib@unochapeco.edu.br

³Doutor em História pelo PPGH da Universidade do Vale do Rio dos Sinos Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. E-mail: miguel.costa@unochapeco.edu.br

Primeiras palavras

Mas, de todos os deveres que incumbem ao Estado, o que exige maior capacidade de dedicação e justiça e maior soma de sacrifícios; aquele com que não é possível transigir sem a perda irreparável de algumas gerações; aquele em cujo cumprimento os erros praticados se projetam mais longe nas suas conseqüências, agravando-se à medida que recuam no tempo; o dever mais alto, mais penoso e mais grave é, de certo, o da educação que, dando ao povo a consciência de si mesmo e de seus destinos e a força para afirmar-se e realizá-los, entretém, cultiva e perpetua a identidade da consciência nacional, na sua comunhão íntima com a consciência humana.⁴

Diversos estudos, sob distintos ângulos tem colocado em evidência a renovação que a historiografia da educação vivencia no Brasil. Há que se destacar, neste sentido, as análises dedicadas a interpretar o próprio sentido que a produção no âmbito da história da educação brasileira assumiu, notadamente, durante a segunda metade da década 1990 e o primeiro decênio do século XXI. Neste interregno, as interpretações historiográficas trataram tanto da crise vivida pelos ditos “velhos” paradigmas epistemológicos, particularmente as concepções marxista e positivista da História, como da ascensão dos denominados “novos” referenciais teóricos e metodológicos utilizados na produção do conhecimento histórico educacional (MONARCHA, 2007, p. 69).

Diana Gonçalves Vidal e Luciano Faria Filho (2003, p. 60), em densa incursão pela historiografia educacional brasileira, concluíram que, para os historiadores da educação, “isto tem significado uma forma de marcar o seu pertencimento à comunidade dos historiadores, e uma maneira de reafirmar a identificação de suas pesquisas com procedimentos próprios ao fazer historiográfico”.

Embora não restem dúvidas quanto a esta atmosfera epistemológica renovada, podemos considerar que o processo de intensas revisões e/ou reorientações da historiografia dedicada à educação e seus companheiros de viagem no país, também foi beneficiado pela configuração de redes intelectuais processadas concomitantemente à institucionalização cada vez maior dos grupos de pesquisa no Brasil.

Inscrito, portanto, neste novo cenário de produção historiográfica, este trabalho⁵ se dedica a estudar a rede intelectual influenciadora das ideias implícitas no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, mais especificamente, as teorias e práticas de intelectuais estrangeiros que

⁴Último parágrafo do **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova** (BRASIL, 2010).

⁵Este trabalho foi desenvolvido a partir da disciplina Teorias e Tendências do Pensamento Educacional vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), disciplina obrigatória ministrada pelo professor Miguel Ângelo Silva da Costa. Em diálogo com a História da Educação brasileira, a disciplina teve como uma de suas propostas a apresentação e a construção de um artigo dedicado a enfatizar intelectuais, entre os quais emergiram nomes como, por exemplo, Fernando de Azevedo, Sampaio Dória, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Cecília Meireles, Paulo Freire, entre outros importantes intelectuais que contribuíram na construção do pensamento educacional brasileiro.

inspiraram principalmente o pensamento de Fernando de Azevedo, redator da manifestação pública de 1932.

A aproximação com as ideias políticas educacionais de Fernando de Azevedo nos oportunizou conhecer a sua história e as suas contribuições para com o debate educativo nacional, reconhecendo a influência desse intelectual para a educação brasileira, a partir de meados da década de 30, e que, ao longo de oito décadas, nos desafia a refletir sobre as relações contraditórias construídas historicamente no debate político acerca da educação brasileira e da escola pública, colocando em tela os diferentes compromissos assumidos por esse intelectual na defesa da escola.

Nesse contexto, nos debruçamos sobre a formulação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), cujo redator foi Fernando de Azevedo, buscando identificar as ideias e os intelectuais que influenciaram seu pensamento, — como também dos outros 25 signatários que se propuseram a construir uma manifestação por uma educação pública, laica e obrigatória, uma educação para todos.

O desenvolvimento da pesquisa foi de caráter bibliográfico, com o objetivo de entender as ideias influenciadoras da posição assumida por Azevedo e seus colegas na assinatura do Manifesto. Assim, utilizando a metodologia de análise de redes sociais, este trabalho se constrói a partir da notável figura de Fernando de Azevedo, buscando evidenciar a sua política educacional e os intelectuais estrangeiros que contribuíram para os ideais e preceitos envolvidos no Manifesto de 32.

Entre estes intelectuais estão Georg Kerchensteiner, John Dewey, Émile Durkheim e Johann Pestalozzi que influenciaram o pensamento educacional de Azevedo em primeira e segunda instâncias. Evidenciamos esses intelectuais, pois também foram destacados pelo Ministério da Educação (MEC) dentre os trinta estrangeiros que ofereceram “contribuições para o avanço da educação” e que originaram um dos segmentos da Coleção Educadores⁶ (BRASIL, 2010, p. 7).

A rede social desses intelectuais é na verdade, uma rede contextual de ideias que se cruzam e interpenetram o pensamento de Azevedo. Essa relação é do tipo intelectual, estudando e compartilhando ideias com relevância social e coletiva, formando uma rede intelectual, a qual “entende-se como um conjunto de pessoas empregadas na produção e disseminação de conhecimento, que se comunicam em razão da sua atividade profissional ao longo dos anos.” (DEVÉS-VALDÉS, 2007, p. 31, tradução nossa).

⁶A Coleção Educadores (MEC) “[...] surgiu da necessidade de se colocar à disposição dos professores e dirigentes da educação de todo o país obras de qualidade para mostrar o que pensaram e fizeram alguns dos principais expoentes da história educacional, nos planos nacional e internacional”. A coleção é composta por trinta brasileiros e trinta estrangeiros escolhidos a partir do reconhecimento histórico, o alcance de suas reflexões e contribuições para o avanço do sistema educacional por uma Comissão Técnica que fora instituída pelo MEC em 2006 (BRASIL, 2010, p. 7).

Em nosso caso, a rede formada por Azevedo e os intelectuais estrangeiros é movimentada por uma troca de teorias e experiências por uma educação melhor, as quais vinham sendo realizadas nos países de origem desses educadores. A estrutura desta rede intelectual nos possibilita entender as raízes da luta por uma educação pública e gratuita imbricadas no Manifesto de 32.

Afinal, entender a origem e as mudanças ocorridas mundo afora que serviram como modelo para a manifestação no Brasil, são importantes para compreender as transformações ocorridas com vistas a uma educação melhor. Nisso, vemos o potencial metodológico da análise de redes sociais, aliás, “[...] cremos possível dizer que trabalhar com redes sociais é como brincar de Lego. Trata-se de montar uma sociedade a partir de intrincados sistemas de encaixe, como em um gigantesco jogo de armar” (COMISSOLI; COSTA, 2014, p. 12).

A rede social intelectual tem como ator principal Fernando de Azevedo, o redator do Manifesto e importante figura pública atuando em vários segmentos da política educacional em estados e no Distrito Federal, e, como nós secundários, importantes intelectuais que foram responsáveis por mudanças político-educacionais em seus países de origem.

Ao compreender o “movimento” causado pelas referências internacionais para Azevedo e conseqüentemente para o Manifesto de 32, encontramos uma estrutura caracterizada pela incorporação de conhecimentos, teorias, exercícios e práticas que foram consideradas fundamentais em um movimento mundial por uma educação pública, que garantisse direito a todos e que possibilitasse a construção de um país e de um mundo melhor.

Sobre o Manifesto

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 é um marco para a Educação Brasileira. Surgiu da preocupação com as transformações políticas, econômicas e sociais que o país estava vivendo, com temor que a educação não conseguisse acompanhá-las e foi desencadeado a partir das diversas reformas educacionais que estavam acontecendo mundo afora e isoladamente em alguns estados brasileiros na segunda metade da década de 20.

O Manifesto tinha como preceitos a estruturação e reconstrução de um sistema educacional no Brasil, com uma educação que educasse para a vida. Basicamente, o documento, assinado por 26 intelectuais brasileiros⁷, estava estruturado acerca das finalidades e dos ideais que a educação deveria seguir, bem como, os meios apropriados para serem realizados.

⁷Foram eles: Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, A. de Sampaio Dória, Anísio Spínola Teixeira, M. Bergström Lourenço Filho, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meireles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme e Raul Gomes.

Os intelectuais responsáveis por este ato memorável foram liderados por Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, os quais ficaram conhecidos como os três “cardeais” da educação brasileira. Com esses signatários se destaca a presença de Sampaio Dória, Júlio Mesquita e Cecília Meireles, importantes intelectuais desse processo.

Instituindo reformas em diferentes estados brasileiros e sob a influência do pensamento “estrangeiro” da pedagogia da Escola Nova, os responsáveis pelo Manifesto da Educação Nova de 32 tinham em suas veias a influência do ideário liberal, calcados na ideia da liberdade individual e da democracia educacional.

O Manifesto começa fazendo uma crítica acerca do empirismo e da “inorganização [...] do aparelho escolar” (BRASIL, 2010, p. 34) e na falta das finalidades e dos aspectos técnicos da educação, além de evidenciar a necessidade da criação de um sistema escolar que estivesse à altura das necessidades modernas e do país.

A reforma [...] não deveria restringir-se à mudança de métodos pedagógicos, mas se constituiria numa "reorganização radical de todo aparelho escolar", adequando este último às finalidades sociais e pedagógicas dessa instituição, ajustando-o ao meio social e às disposições gerais da sociedade, sem com isso pensá-lo como um reflexo desse meio nem como um instrumento de adaptação social (ALVES, 2004, p. 40).

A Educação Nova, apresentada no Manifesto, se propõe a servir aos interesses dos indivíduos e não mais das classes, e tem como princípio a vinculação da escola como meio social.

Em meio a uma sociedade em processo de industrialização, os signatários do Manifesto defendiam uma educação essencialmente pública e com a colaboração efetiva entre a família e a escola. A escola deveria ser única, ou seja, uma escola para todos, sem distinção de classes ou de poder econômico. Além disso, a defesa de uma escola laica, gratuita, coeducadora (educação em comum) e obrigatória (quando o Estado tivesse condições de oferecer).

Como já relatado, o Manifesto começou a ganhar forma a partir das reformas inauguradas em alguns estados do Brasil. A primeira reforma educacional foi realizada por Sampaio Dória no estado de São Paulo em 1920, e uma das suas primeiras iniciativas foi a realização do recenseamento escolar, sendo a erradicação do analfabetismo uma de suas metas. Assim, houve o crescimento do número de unidades escolares no interior do estado de São Paulo, com indícios de uma educação gratuita e para todos, já que para Dória “a instrução pública era [um] requisito da cidadania.” (EDUCADORES, 2010, p. 9).

A segunda reforma foi efetuada em 1922, por Lourenço Filho no estado do Ceará, e em 1924, Anísio Teixeira – que foi aluno de John Dewey – foi o responsável pela reforma educacional instituída na Bahia, defendendo a educação com a instauração da escola pública. Dando

continuidade ao movimento de reformas espalhadas pelo país, em 1925, José Augusto de Menezes foi responsável no estado do Rio Grande do Norte, e em 1927, Lisímaco Costa foi o responsável pela reforma paranaense. Nesse mesmo ano, Francisco Campos é o reformador do estado de Minas Gerais, e de 1927 a 1930 a reforma mais importante foi feita no Distrito Federal (Rio de Janeiro) sob o comando de Fernando de Azevedo.

Todas as reformas iniciadas no Brasil na década de 20 tinham o mesmo pano de fundo e almejavam uma escola única e gratuita, o que mais tarde, tornou-se princípio do Manifesto. Assim, os reformadores da década de 20 tinham características comuns e buscavam a organização de um sistema nacional de educação, que se concretiza na escritura do Manifesto. Foi a partir das experiências administrativas, ocupando cargos públicos semelhantes, que os “cardeais” da Educação Nova no Brasil puderam tencionar reformas marcantes e que anunciassem um novo sentido para a educação nacional.

A importante figura de Fernando de Azevedo

Após leituras acerca das reformas, do Manifesto de 1932, da biografia e da notável relevância para a área educacional de Fernando de Azevedo, procuraremos relacionar os pensadores que influenciaram o pensamento e a ideologia azevediana, também, como as ideias desses autores foram vislumbradas pela educação brasileira na época. De antemão, podemos dizer que Fernando de Azevedo e outros signatários do Manifesto sofreram fortes influências da sociologia durkheimiana e do pensamento filosófico de John Dewey.

Fernando de Azevedo – o redator do Manifesto de 32 – nasceu em Minas Gerais em 1894, e faleceu em São Paulo em 1974. Fernando estudou no Colégio Anchieta no Rio de Janeiro, e depois em Campanha, Minas Gerais, sendo educado por jesuítas, com quem aprendeu e desenvolveu uma rigorosa disciplina que levou para a vida. De acordo com Piletti (1994, p. 182), Azevedo foi especialista na área da Educação Física e escreveu uma tese pioneira em 1915. Sempre foi dedicado e deu grande importância ao saber científico, diplomando-se em 1918 em Ciências Jurídicas e Sociais.

Enquanto cursava direito “foi professor de Latim e Psicologia no ginásio do Estado, em Belo Horizonte e, em São Paulo, lecionou Latim e Literatura na Escola Normal da Praça” (LIMA; EVANGELISTA, 2008, p. 17) entre 1921 e 1927.

O próprio Azevedo (1971, p. 57, apud ALVES, 2004, p. 32) destaca que “quem entrava para a Escola Normal não era apenas nem, sobretudo, um professor de latim e literatura, mas, na verdade, um jovem imbuído de idéias de reforma do ensino e da educação”, um educador que assumia uma postura política para intervir sobre o social.

Lecionou também a cadeira de Sociologia no Curso de Aperfeiçoamento do Instituto Pedagógico de São Paulo (1933 – 1935), e mais tarde com a extinção desse curso, em 1938 passa a trabalhar na Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras da Universidade de São Paulo até a sua aposentadoria.

Azevedo “transitou pelo ensino de latim e de psicologia, pela crítica literária, pela investigação sobre a arquitetura colonial e sobre a educação paulista, pela reforma educacional.” (PILETTI, 1994, p. 182).

Além de atuar no magistério, foi advogado, educador, escritor e sociólogo, atuou como jornalista no Correio Paulistano (1917 – 1922) e como redator em O Estado de São Paulo a partir de 1923, publicando artigos de crítica literária. Durante a sua vida ainda teve uma intensa atividade editorial, escrevendo artigos e livros como *A poesia do corpo* (1916); *Sociologia educacional* (1940); *A cultura brasileira* (1943) e *História da minha vida* (1971).

O educador dedicou sua vida à educação e à política educacional. Segundo Lima e Evangelista (2008) a sua atuação na área da educação se intensificou após a coordenação do Inquérito de 1926. O Inquérito foi uma pesquisa relacionada à instrução pública no estado de São Paulo que tinha a intenção de levantar propostas para uma reforma educacional no estado.

O próximo passo importante na vida de Fernando de Azevedo e na história da Educação Brasileira foi o cargo de Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1927 – 1930), o qual foi responsável na época, pela reforma educacional da capital brasileira.

De volta a São Paulo, foi o responsável por redigir o Manifesto de 32, e “reuniu livros relacionados à educação na coleção intitulada Biblioteca Pedagógica Brasileira de 1931 e, [...], organizou a coleção de estudos brasileiros – *Brasiliana* – da qual foi diretor até 1956.” (LIMA; EVANGELISTA, 2008, p. 18).

Fernando de Azevedo foi presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia, Secretário da Educação e Saúde de São Paulo (1945), Secretário da Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo (1961) e acadêmico da Academia Brasileira de Letras em 1962, além de ter sido professor por muitos anos, e deixado um importante legado para muitos intelectuais brasileiros.

Os principais intelectuais que inspiraram as ideias azevedianas

Azevedo foi um ator fundamental na área educacional, contribuindo por meio da educação para o crescimento de uma nação em meio ao desenvolvimento industrial. Propomo-nos a compreender a luta e a organização educacional empreendida pelos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 por uma escola única, laica e obrigatória, e, principalmente, com relação aos pensadores que influenciaram a política azevediana e as suas ideias educacionais.

Segundo Penna (2010, p. 23):

Numa sociedade em processo incipiente de modernização (industrialização, aumento da força de trabalho etc.), Fernando de Azevedo, influenciado por Durkheim, Kerchesteiner, Dewey e Lunatscharsky, pensa a questão social e educacional, vinculando-as, desde 1923, com a ética política.

O pensamento azevediano é influenciado não apenas por Émile Durkheim e John Dewey, mas também pelas ideias de Kerchesteiner e Lunascharsky, que foram responsáveis pelas políticas públicas revolucionárias para a educação na Alemanha e na Rússia, respectivamente.

A década de 20 foi marcada por uma série de reformas em diferentes países, e nesse movimento de (re) organizações dos sistemas educacionais que ocorriam na Inglaterra, Alemanha, Vienna, França e Itália que os signatários brasileiros se inspiraram na luta por uma educação para todos e para a vida.

Na Rússia, o movimento foi liderado por Anatoly Lunascharsky⁸ (1875 – 1933), político, escritor, crítico e historiador da arte, além de ter sido um participante ativo na Revolução Russa de 1917. Em 1895 entrou na universidade de Zurique e estudou filosofia e ciências naturais, debruçando-se sobre as obras de Karl Marx e Friedrich Engels. Foi exilado, e em 1917 foi nomeado comissário da Educação Iluminismo. “Lunacharsky contribuiu para o desenvolvimento da cultura socialista, particularmente nas áreas de educação, teatro, cinema e literatura” (RUSSOS), e, com teóricos da educação comunista, desenvolveu uma pedagogia socialista, e fundamentou uma escola centrada no “[...] trabalho como princípio educativo, tal qual foi formulado por Marx.” (AMBONI; NETO; BEZERRA, 2013, p. 266).

A influência de Lunascharsky sob o pensamento de Azevedo se deu principalmente ao pensar numa escola voltada para o ensino do trabalho, em meio ao desenvolvimento de uma sociedade moderna com crescimento industrial.

A escola socializada, reconstituída sobre a base da atividade e da produção, em que se considera o trabalho como a melhor maneira de estudar a realidade em geral (aquisição ativa da cultura) e a melhor maneira de estudar o trabalho em si mesmo, como fundamento da sociedade humana, se organizou para remontar a corrente e restabelecer, entre os homens, o espírito de disciplina, solidariedade e cooperação, por uma profunda obra social que ultrapassa largamente o quadro estreito dos interesses de classes (BRASIL, 2010, p. 41).

Georg Kerschensteiner foi um pedagogo e educador alemão, que viveu entre 1854 e 1932. Röhrs (2010, p. 11) afirma que Kerschensteiner foi um educador popular no sentido literal da palavra, e os principais pontos de referência para o seu pensamento foram “a filosofia educativa de

⁸Disponível em: <http://russiapedia.rt.com/prominent-russians/politics-and-society/anatoly-lunacharsky/>. Acesso em 25 out. 2015.

Johann Heinrich Pestalozzi, a ampla visão sociológica da educação de John Dewey e a perspectiva cultural-histórica de Eduard Spranger”. (RÖHRS, 2010, p. 11).

A grande característica de Kerschensteiner foi ter sido um verdadeiro educador pestalozziano, criando escolas, fundando bibliotecas e defendendo o prolongamento do período de escola obrigatória.

Com esse espírito a Alemanha foi o primeiro país a empreender um sistema de educação pública, geral e obrigatória, que se estendia desde a escola primária até a universidade, e a submeter à regulamentação e fiscalização de um estado cioso de suas prerrogativas todos os institutos particulares de educação (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 104-105).

As ideias do educador são relacionadas principalmente com a educação profissional e a responsabilidade cívica, caracterizando-se com a educação para o trabalho, com o ensino de trabalhos manuais e o papel da educação numa consciência cívica. Outro fato significativo, é que para Kerschensteiner “[...] o aspecto humanizador da educação é, pelo menos, tão importante como a teoria.” (RÖHRS, 2010, p.16).

O grande legado de Kerschensteiner foi a criação das escolas de formação profissional e a reformulação da escola Volksschule⁹. Já que para ele, “[...] a escola do livro precisa se transformar na escola da atividade.” (RÖHRS, 2010, p. 21).

Kerschensteiner, inspirado nos ideais pestalozzianos, figura como um dos fundadores da educação popular moderna, “com a determinação de proporcionar educação suficiente às grandes massas da população trabalhadora” (RÖHRS, 2010, p. 18) que não tinham condições de frequentar a escola.

O ideal pestalozziano por meio da influencia de Kerchensteiner deixa seu legado para a construção de uma educação única, igual para todos e “para que isso fosse possível seria necessário o auxílio da União. Só assim, [...], haveria difusão universal do ensino, sem prejuízo da qualidade e sem discriminações classistas.” (PENNA, 2010, p. 31).

Na América do Norte, John Dewey (1859 – 1952) foi o intelectual responsável pelo movimento de refletir sobre a educação. Dewey foi um filósofo e pedagogo americano, o mais importante da primeira metade do século XX, que exerceu forte influência sobre a educação do Brasil e de outros países. Suas grandes ideias desenvolveram a escola progressiva, também chamada de escola ativa ou escola nova. Até hoje, Dewey tem grande destaque e exerce influência

⁹Volksschule é o termo alemão utilizado para as escolas universais, gratuitas e obrigatórias, equivalente as escolas primárias e os primeiros anos da secundária, geralmente com um ensino de 9 anos. Os temas fundamentais eram ensinados juntamente com ginástica e religião, que detinham lugares importantes no currículo. Meninos recebiam treinamento no trabalho manual, e as meninas em ciência doméstica, com o conceito de um trabalho educativo que supõe um sentido pedagógico.

na intelectualidade brasileira, principalmente quando tratamos do termo professor reflexivo, que foi idealizado por Schön a partir dos estudos da filosofia de Dewey.

A filosofia proposta por Dewey advogava em favor da unidade entre teoria e prática além de uma forte propensão a realizar democracia. Dewey (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 12) afirmava a existência de uma “estreita e essencial relação entre a necessidade de filosofar e a necessidade de educar”.

A pedagogia deweyniana, a qual foi reproduzida na Escola Experimental¹⁰, consiste em levar os conteúdos para a experiência dos alunos, ou seja, o autor propunha que através da experiência, os alunos teriam que resolver situações problemáticas e precisariam de conhecimentos científicos para isso, o que faria se sentirem mais motivados para aprender algo que estava sendo útil na prática. Segundo Dewey (WESTBROOK, TEIXEIRA, 2010, p. 22) “o labor teórico [deveria estar] em contato com as exigências da prática”, e constituiria um aspecto democrático e cooperativo.

Dewey pedia aos educadores que integrassem a Psicologia ao programa de estudos, construindo um ambiente em que as atividades imediatas dos alunos se confrontem com situações problemáticas que exijam conhecimentos teóricos e práticos da esfera científica, históricos e artísticos, para resolvê-las (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 18).

A pedagogia de Dewey é destacada na concepção de escola adotada por Azevedo, principalmente para repensar a escola, transformando-a num “instrumento de reorganização econômica da sociedade”. Adotando esse princípio, a escola deveria compreender o trabalho desenvolvido pelo aluno levando em conta as suas experiências, e o professor teria o papel de estimular a curiosidade e os interesses do aprendiz (ALVES, 2004, p. 42).

A psicologia proposta por Dewey foi estudada durante a sua tese, o qual titulou-se como doutor em 1884, e é baseada na psicologia de Kant. Apesar dos fortes ataques a filosofia deweyniana na década de 50, “[...] seu legado reside mais em uma visão crítica do que prática [...]” (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 32) e Dewey continua sendo uma fonte inspiradora ao povo americano e de outros lugares do mundo.

Outro importante influenciador das ideias de Azevedo foi Émile Durkheim, um sociólogo, psicólogo e filósofo francês vivido entre 1858 e 1917. Considerado o pai da Sociologia da Educação, pensou a educação como “uma verdadeira ciência social” (FILLOUX, 2010, p. 11).

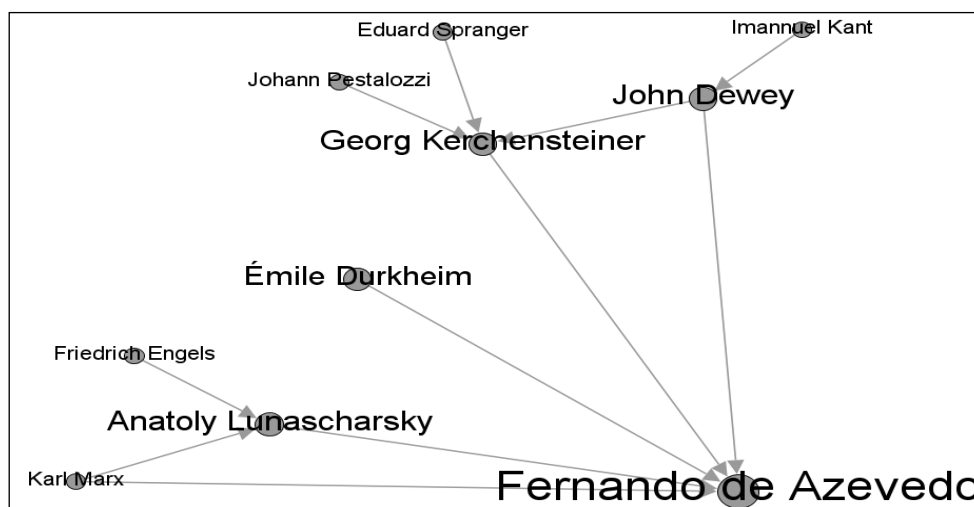
Para Durkheim a sociedade é como um organismo vivo, cheio de órgãos que preenchem funções, e a educação tem a capacidade de transformar um “ser individual” em um “ser social” (FILLOUX, 2010, p. 15).

¹⁰A Escola Experimental da Universidade de Chicago ficou conhecida como “Escola de Dewey”. A escola funcionava como um “laboratório”, sob os preceitos da psicologia funcional e da ética democrática de Dewey.

Em 1882 formou-se em Filosofia e publicou em 1902 *A educação moral*, onde apresenta as metas que a sociologia da educação fixa para a escola, através dos três elementos da moralidade: o “espírito de disciplina”, a “vinculação a grupos” e “autonomia da vontade” (FILLOUX, 2010, p. 23).

Ao estudar os intelectuais que influenciaram a pedagogia e principalmente a política educacional de Fernando de Azevedo, são visíveis as aproximações intelectuais com o pensamento azevediano, influenciando, sobretudo o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932. Nesse sentido, a rede dos principais educadores que influenciaram o pensamento azevediano está construída na Figura 1, e são as doutrinas pedagógicas inerentes ao movimento que nos levam a comparar com os ideais escolanovistas dos europeus e dos norte-americanos.

FIGURA 1 – Rede dos pensadores que influenciaram o pensamento azevediano.



Fonte: Os autores

A rede está composta pelos educadores que influenciaram o pensamento político-educacional de Azevedo em primeira e em segunda instância. Vemos na construção da rede, a importante figura de John Dewey para o pensamento azevediano, visto que esse autor influencia Fernando de Azevedo diretamente, e indiretamente através de Georg Kerschensteiner.

Além de Dewey, Karl Marx também tem destaque na rede, pois influencia Azevedo direta e indiretamente através de Anatoly Lunascharky, visto que, o próprio Azevedo considera-se um socialista pela inspiração de Marx.

Outro ator importante da rede (Figura 1) é Émile Durkheim que influencia de modo direto o pensamento sociológico de Azevedo, ao contribuir para a visão da educação como uma ciência dentro da realidade brasileira. Diversas ideias influenciaram Fernando de Azevedo, e conseqüentemente o Manifesto de 1932, descrevendo as principais características dos ideários escolanovistas europeu e norte-americano que foram incorporados à educação brasileira.

É importante visualizarmos que intelectuais como Spranger, Kant, Pestalozzi e Engels não inspiraram Azevedo diretamente, mas muitas das ideias desses atores são referências para os intelectuais que “embasaram” diretamente a postura política e educacional do signatário.

A principal característica assumida por todos os educadores em questão é a defesa de uma escola democrática. Kerschensteiner, por exemplo, via que a democracia não pode funcionar sem uma quantidade razoável de obrigações cívicas, por isso, lutava por uma estreita relação entre a escola do trabalho e a consciência cívica. Dewey afirmava que “democracia é liberdade”, e dedicou boa parte da sua vida defendendo uma argumentação filosófica na teoria e realizando-a na prática.

Característica importante numa escola democrática é a defesa de um caráter biológico. Esse caráter biológico foi proposto por Dewey, e a escola deveria ser organizada por uma coletividade geral, desprendida de interesses de classe ou econômicos, e todos teriam os mesmos direitos.

Ao falar em escola democrática, é importante a proposição de Dewey acerca da criação de uma “comunidade em miniatura” dentro da escola. Assim, a escola nova proposta no Manifesto de 32, imprime na escola as características da comunidade em miniatura de Dewey, já que

[...] a escola que tem sido um aparelho formal e rígido, sem diferenciação regional, inteiramente desintegrado em relação ao meio social, passará a ser um organismo vivo, com uma estrutura social, organizada à maneira de uma comunidade palpitante pelas soluções de seus problemas (BRASIL, 2010, p. 50).

O que implica, numa escola com características de uma sociedade, como exposto por Durkheim, uma escola como um organismo vivo, com órgãos responsáveis por determinadas funções e organização, caracterizando uma “sociedade em miniatura”.

Uma questão importante é em relação à teoria e à prática. Para Dewey, devia existir uma unidade entre teoria e prática; Kerschensteiner, também se aproxima dessa ideia, lutando “contra a falta de utilidade da ciência à vida profissional” (RÖHRS, 2010, p. 45), interessando-se na adequação da estrutura educacional à demanda nacional de formação. “Talvez seja sobre a plataforma deste posicionamento político e epistemológico que, unido à filosofia deweyana a escola do trabalho de Kerschensteiner será recepcionada no Brasil.” (RÖHRS, 2010, p. 46).

Como explicitado por Alves (2004, p. 43) a reforma proposta por Azevedo “segue mais a teoria pedagógica proveniente da Alemanha [...] do que aquela originária dos Estados Unidos,

embora busque a todo instante integrá-las, a fim de conferir unidade ao princípio da escola do trabalho, em que se fundamenta”.

A escola do trabalho proposta por Kerschensteiner exerceu grande influência na política educacional brasileira, afinal, “[...] os trabalhos individuais, coletivos, atendem tanto à formação intelectual, como à formação moral.” (RÖHRS, 2010, p. 46). Falamos em política educacional nacional, pois Fernando de Azevedo foi um de seus grandes idealizadores, e, é a partir de Azevedo que o movimento da escola do trabalho toma forma, pois segundo ele próprio, a atividade é aproveitada como meio ou instrumento da educação.

O projeto azevediano de educação constituiu-se no segmento mais extenso, no qual se estuda a necessidade de uma nova mentalidade, capaz de compreender as funções de uma sociedade moderna, refazendo a ordem de prioridades educacionais, de acordo com essas novas funções, as relações entre educação e política, a importância do inquérito de 1926, a experiência administrativa no Distrito Federal, a concepção da escola do trabalho, a escola-comunidade (PENNA, 2010, p. 18).

A influência da escola do trabalho também veio do educador russo Lunacharsky, que imprime nas escolas, o caráter do trabalho como princípio educativo, como fora proposto por Marx. Dewey também se identifica com o trabalho como um meio para fazer a educação, vendo na experiência da atividade, a construção do conhecimento.

Essa característica da escola do trabalho é impressa pelos signatários da Educação Nova de 32 no Manifesto:

[...] a escola nova, que tem de obedecer a esta lei, deve ser reorganizada de maneira que o trabalho seja seu elemento formador, favorecendo a expansão das energias criadoras do educando, procurando estimular-lhe o próprio esforço como o elemento mais eficiente em sua educação (BRASIL, 2010, p. 50).

“Azevedo tornou-se em suas palavras, um ‘socialista sob a inspiração de Karl Marx’ e, sob a influência de Durkheim, ‘um sociólogo e um dos fundadores da Sociologia no Brasil’.” (LIMA; EVANGELISTA, 2008, p. 27).

É importante frisar que foi em Durkheim que Azevedo encontrou a base para analisar a educação como ciência dentro da realidade brasileira, já que, “[...] institucionalmente, a constituição de uma ciência da educação é, portanto, inseparável da formalização durkheimiana da própria sociologia.” (FILLOUX, 2010, p. 13). Além disso, Azevedo foi importante para o avanço da Sociologia Educacional no Brasil, atuando como professor no Instituto Pedagógico de São Paulo e, mais tarde na USP, excluindo o designativo “educacional”, passando a ser o responsável pela cadeira de Sociologia.

Outra característica herdada de Durkheim e de John Dewey é a importância dada à cientificidade. Para Durkheim, o ensino do científico deveria prevalecer sobre o ensino literário, e para Dewey o conhecimento é o que está organizado em nossas disposições mentais e serve para estabelecer uma conexão entre nós e o mundo que vivemos (CUNHA, 1998, p. 32).

Este conhecimento deveria ser ensinado através do ensino do científico e do trabalho, com atividades que norteassem a busca pelo conhecimento. Afinal,

[...] educar é pôr o indivíduo em contato com a cultura a que pertence e, mais do que isto, é prepará-lo para discernir situações que exijam reformulações e para agir em consonância com estas necessidades de transformação. Todo procedimento educativo tem a finalidade primordial de possibilitar a continuidade da vida do agrupamento social (CUNHA, 1998, p. 38).

As aproximações e as interpenetrações das ideias dos pensadores estrangeiros com o pensamento intelectual do brasileiro são nítidas e relevantes para entender a construção do movimento.

A familiarização do educador brasileiro com Dewey e Durkheim se dá mais no campo teórico, como observa Alves (2004, p. 113):

[...] essa tentativa de universalizar o seu discurso político educacional insere-se num projeto político que postula a modernização e a democratização da sociedade brasileira, legitimado por um saber científico e sociológico, já bastante próximo de uma sociologia de Durkheim e da filosofia de Dewey, em torno do qual estabelece um outro modo de fazer política, diferente da politicagem reinante, justamente porque supõe o interesse geral e não os interesses particulares de seu grupo.

Num campo mais “prático”, é possível verificar a forte influência de Kerschensteiner e Lunascharsky com relação a expansão das ideias reformadoras no contexto brasileiro e pelo espírito prático da criação de uma política nacional de educação.

Mas afinal, qual é a grande característica existente entre esses pensadores e Fernando de Azevedo? Simplesmente, a luta por uma educação de qualidade e consequentemente por uma sociedade melhor. A utopia dos educadores tratados nesse texto é de formular uma educação democrática, com igualdade para todos, e acima de tudo, visando o envolvimento do aluno com o processo de aprendizagem e aquisição do conhecimento, por meio do trabalho e de uma educação cívica, que reflitam na construção de uma sociedade melhor, mais justa e igualitária.

Outro ponto comum entre os educadores em destaque é a produção bibliográfica referente às temáticas da educação em geral, e da sociologia como pano de fundo, com grandes contribuições para as políticas educacionais dos países em que foram publicadas.

Kerschensteiner, por exemplo, foi um educador no sentido pestalozziano e todas as suas atividades “[...] estavam firmemente arraigadas na ética educativa global que era o elemento central

do pensamento de Kerschensteiner, induzindo-o a dedicar toda sua atividade – política ou de organização – ao serviço de objetivos educativos.” (RÖHRS, 2010, p. 18).

A importância de Durkheim se dá no fato de possibilitar o estudo da educação socialmente, através da criação da Sociologia da Educação, fazendo uma abordagem científica dos fatos educativos enquanto funções sociais. Além disso, a possibilidade da escola transformar o ser individual em ser social está presente nos seus escritos, bem como nos de Dewey. Para Dewey, além da transformação do indivíduo exercida pela escola, era necessário um ambiente democrático que se organizasse como uma sociedade, ou seja, que a escola fosse como uma “comunidade em miniatura”. O pensamento de Dewey “[...] baseava-se na convicção moral de que ‘democracia é liberdade’ –, ao que dedicou toda sua vida, elaborando uma argumentação filosófica para fundamentar esta convicção e militando para levá-la à prática.” (DEWEY, 1892, apud, WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 11).

Rede influenciadora: algumas considerações

Os diversos intelectuais que inspiraram as ideias de Azevedo e dos escolanovistas deram origem a uma rede intelectual centralizada em Azevedo. Neste caso, o educador é uma “[...] estrela de primeira grandeza” na nossa rede, visto que “a abordagem conduz a investigação a trabalhar sobre o ‘encontro’, as interações entre sujeitos, elemento que torna a análise dinâmica, uma vez que sugere a compreensão da realidade social por meio de seu fluxo de relações” (COMISSOLI, COSTA, 2014, p. 28).

Devemos evidenciar que essa rede é parte de uma rede maior, já que o Manifesto de 1932 foi assinado por 26 intelectuais preocupados com a política educacional brasileira em princípios da década de 30, e foram muitos os pensadores estrangeiros que inspiraram os preceitos imbricados na manifestação pública. Detemo-nos a fazer uma análise acerca da figura de Fernando de Azevedo, pois foi reformador no Distrito Federal, redator do Manifesto e importante figura pública que muito contribuiu para a Sociologia no Brasil.

Igualmente a Kerschensteiner, Lunascharsky, Durkheim e Dewey, Fernando de Azevedo foi um “[...] abridor de caminhos, seu pensamento não é apenas o de um homem que se quis filósofo da educação, mas o de um reformador que tentou transformar suas ideias em ação” (PENNA, 2010, p. 12).

As influências desses pensadores no pensamento de Azevedo e dos outros signatários podem ser identificadas no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 e no Manifesto dos Educadores de 1959. Podemos afirmar que as duas manifestações públicas foram fundamentais para

a educação brasileira, principalmente, em relação a uma educação mais igualitária e democrática, com maiores oportunidades, e em relação ao caráter biológico necessário a educação.

A importância em conhecer e entender a estrutura da rede intelectual formada por Azevedo e os intelectuais estrangeiros, bem como, os ideais de educação envolvidos neste processo, em primeira ordem é para compreender o problema histórico que vivenciamos na educação brasileira, no sentido de nos familiarizarmos com a luta instituída na primeira metade da década de 30, e em segunda ordem, para repensarmos a educação atual no meio nacional e internacional.

Esperamos que a partir das inquietações vividas atualmente no cenário educacional brasileiro, esta rede sirva de modelo, e que muitos Fernandos, Anísios e Lourenços nasçam para lutar em defesa de uma educação de qualidade, que propicie a todas as crianças e adolescentes de Norte a Sul do país as mesmas condições de estudo e de aprendizagem, agindo diretamente como um importante instrumento de intervenção social. Afinal, é a partir da educação que mudamos a sociedade, e “Fernando de Azevedo foi fiel à ideia de que uma revolução de mentalidades é o passo mais importante para uma mudança de estruturas.” (PENNA, 2010, p. 14).

Referências

- ALVES, Catharina Edna Rodriguez. **Fernando de Azevedo**: Na batalha do humanismo. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Campus de Marília, 2004.
- AMBONI, Vanderlei; NETO, Luiz Bezerra; BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. Trabalho e educação na construção da Rússia socialista. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 51, p. 266-278, jun. 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 122 p. (Coleção Educadores).
- COMISSOLI, Adriano; COSTA, Miguel Ângelo Silva. Estrelas de Primeira Grandeza: reflexões sobre o uso de redes sociais na investigação histórica. **MÉTIS: história & cultura**, v. 13, n. 25, p. 11-30, jan./jun. 2014.
- CUNHA, Marcus Vinícius. **John Dewey**: uma filosofia para educadores em sala de aula. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 89 p.
- DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **Redes Intelectuales en América Latina**: Hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago de Chile: Colección Idea, Segunda Época, 2007.
- EDUCADORES brasileiros. **Educação**. São Paulo: Segmento, 2010.
- FILLOUX, Jean-Claude. **Émile Durkheim**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 148 p. (Coleção Educadores - MEC). Tradução por Maria Lúcia Salles Boudet e organização por Celso do Prado Ferraz de Carvalho e Miguel Henrique Russo.

LIMA, Silvia; EVANGELISTA, Olinda. **Fernando de Azevedo**: sociólogo e educador. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. 127 p.

MONARCHA, Carlos. História da educação (brasileira): formação do campo, tendências e vertentes investigativas. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 21, p. 51-77, jan/abr 2007.

PENNA, Maria Luiza. **Fernando de Azevedo**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 162 p. (Coleção Educadores - MEC).

PILETTI, Nelson. Fernando de Azevedo. **Estudos avançados**. [online], v.8, n. 22, p. 181-184, 1994.

RÖHRS, Hermann. **Georg Kerschensteiner**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 142 p. (Coleção Educadores - MEC). Tradução e organização por Danilo Di Manno de Almeida e Maria Leila Alves

RUSSOS proeminentes: Anatoly Lunacharsky. **Russiapedia**. Disponível em: <<http://russiapedia.rt.com/prominent-russians/politics-and-society/anatoly-lunacharsky/>>. Acesso em 07 out. 2015.

VIDAL, Diana. Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: uma Constituição Histórica do Campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 136 p. (Coleção Educadores - MEC). Tradução e organização por José Eustáquio Romão e Verone Lane Rodrigues.

Recebido em: 25/12/2015

Aceito em: 03/05/2016